

## INTRODUÇÃO

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

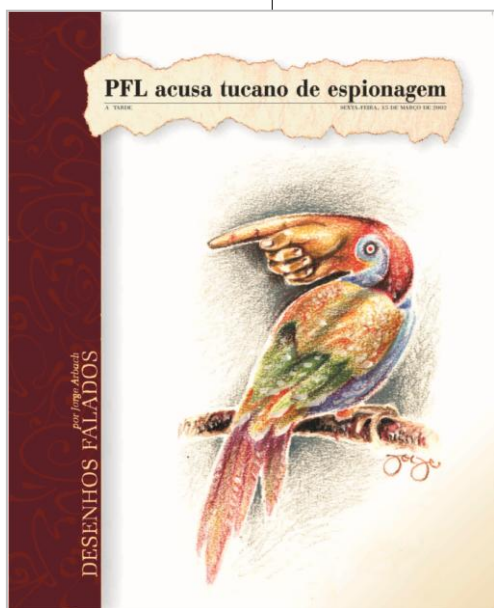
Há anos trabalho profissionalmente ilustrando textos para o jornalismo impresso, sempre considerando essas ilustrações detentoras de conceitos próprios, permitindo que o leitor encontrasse novas e variadas leituras. A possibilidade de trabalhar com a imagem permeada de interpretações permitiu expressar-me mesmo onde a palavra não estivesse presente. Busco cada vez mais abrir espaços dentro do jornalismo para que o discurso não-verbal consolide seu lugar, pois acredito que a ilustração nas páginas do jornal tem a capacidade de estar no mesmo nível comunicativo que um texto ou uma foto. Assim, não a considero somente capaz de ornar visualmente a mancha gráfica do texto, ou considerá-la um atrativo para o leitor se apropriar da matéria. Nem a considero limitada a revestir de redundâncias narrativas paralelas ao conteúdo do texto.

Hoje o ilustrador tem a possibilidade de ser opinativo e reflexivo sobre qualquer tema abordado, não podendo considerar seu trabalho dentro do espaço do jornal somente elemento complementar ao texto, mas possuidor das mesmas possibilidades de discurso que o texto e a foto possuem. Nem deve considerar-se um sobrevivente graças à existência do texto. O ilustrador atento à sua função dentro do jornal enfoca sua atividade não só como possibilidade de expressão artística, mas como possibilidade real de expressão opinativa junto ao público. Caso contrário, por melhor que seja o conteúdo do texto a ser ilustrado, a imagem que o acompanha não estará preenchida de todas as potencialidades discursivas.

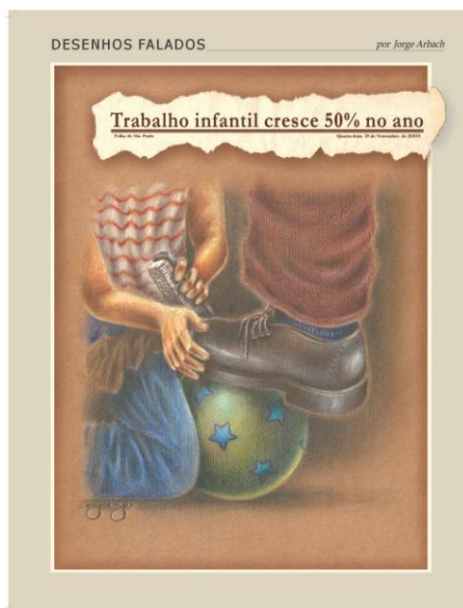
Para exercitar com veracidade esse modelo discursivo tenho publicado regularmente em diversos órgãos de imprensa a seção denominada *Desenhos Falados*. E é nessa oportunidade em que vários órgãos de comunicação oferecem-me espaço para publicar essa seção, é que me permitiu aprofundar essa análise na prática.

Nos jornais diários, habitualmente, o leitor encontra abaixo da manchete um texto que o conduz (e muitas vezes o induz) aos conceitos emitidos, reforçando o perfil do leitor/espectador. Na seção *Desenhos Falados* proponho modificar essa configuração onde, abaixo da manchete o leitor encontrará um discurso não-verbal, com possibilidades de leituras e interpretações, sempre associadas às suas vivências pessoais, ampliando a interação com o leitor. Assim, ele passa a ser um espectador/leitor.

Naquelas páginas dedico-me profundamente em praticar tal enfoque, fazendo a imagem cumprir seu papel como linguagem onde, através de associações, adquirem conceitos, extrapolando o fato isolado.



Seção *Desenhos Falados*  
Revista Caros Amigos



Seção *Desenhos Falados*  
Revista Imprensa



Seção *Desenhos Falados*  
Site Observatório da Imprensa

Empenhado em refletir conceitualmente sobre esse papel da ilustração é que venho apresentar este trabalho e conduzir minhas reflexões junto ao meio acadêmico.

## OBJETIVOS

O objetivo do presente estudo é demonstrar a possibilidade que a imagem tem de participar do discurso jornalístico por meio da ilustração que esclarece e informa. Pretendo analisar o espaço real em que elas se inserem no jornalismo como fonte de informação e de opinião. Interessa-me, de modo particular, estudar formas e circunstâncias da produção e utilização do humor gráfico como recurso discursivo, para que seja reconhecido academicamente como gênero jornalístico e continue ocupando espaços significativos dentro da comunicação.

Com essa perspectiva proponho refletir sobre o tema ao configurá-lo em seus aspectos essenciais, indicando pontuações que ampliem essa discussão. Ao final das argumentações, pretendo reivindicar um espaço definitivo para que as variadas modalidades de ilustrações de humor sejam consideradas formas com que se constroem o jornalismo.

## A QUESTÃO

Atualmente as formas de manifestação do humor gráfico não são consideradas nas classificações dos gêneros como componentes do discurso jornalístico. A questão se agrava pela não aceitação do desenho como veículo de opinião e informação. Participa, mas não é reconhecido como tal. Essa situação se aprofunda quando se sobrepõe o aspecto erudito determinado pela palavra, como universo exclusivo de letrados, enquanto que a comunicação com imagens seria propriedade para os não letrados, ou seja, crianças e analfabetos.

## A TESE

A ilustração é possuidora de linguagem capaz de gerar discurso visual próprio, e conseqüentemente inserir-se no espaço do jornal. Considero a ilustração como uma forma de gênero capaz de informar e opinar, tanto quanto é o texto jornalístico.

A ilustração só não é reconhecida como parte do discurso jornalístico por haver predominância da palavra como articuladora do pensamento. Não é considerada plenamente como gênero nos dias de hoje por permanecer ainda refratária ao espaço ocupado pela palavra como meio preponderante de reflexão e comunicação das idéias.

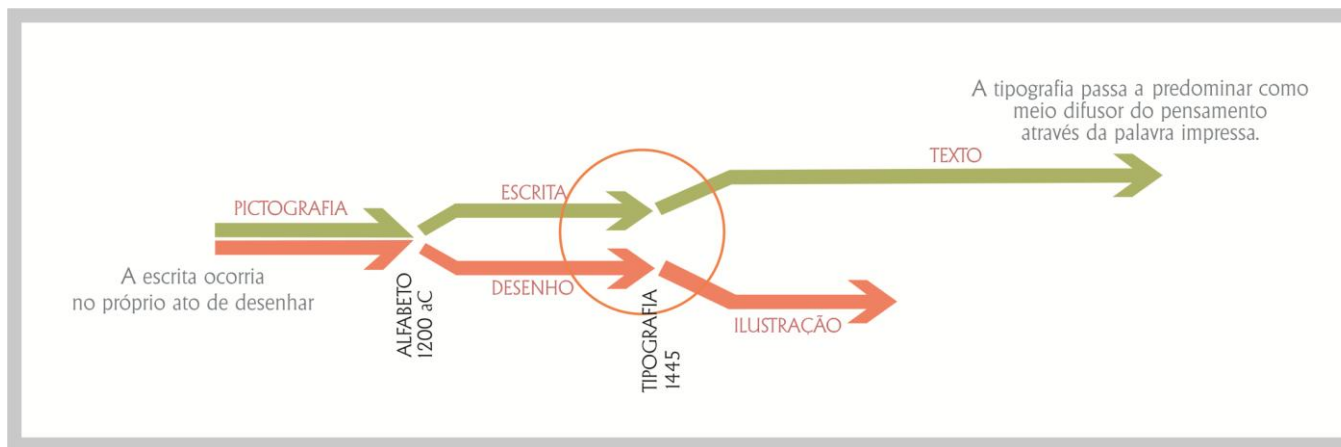
Esse aspecto se agrava dentro do jornalismo devido à presença da fotografia como testemunha e narradora visual dos fatos, ficando a ilustração exaurida de seus aspectos narrativos e argumentativos.

## A HIPÓTESE

A retenção da ilustração como mecanismo articulador do pensamento foi marcado historicamente por dois momentos críticos:

Quando do surgimento da tipografia.

Quando do surgimento da fotografia



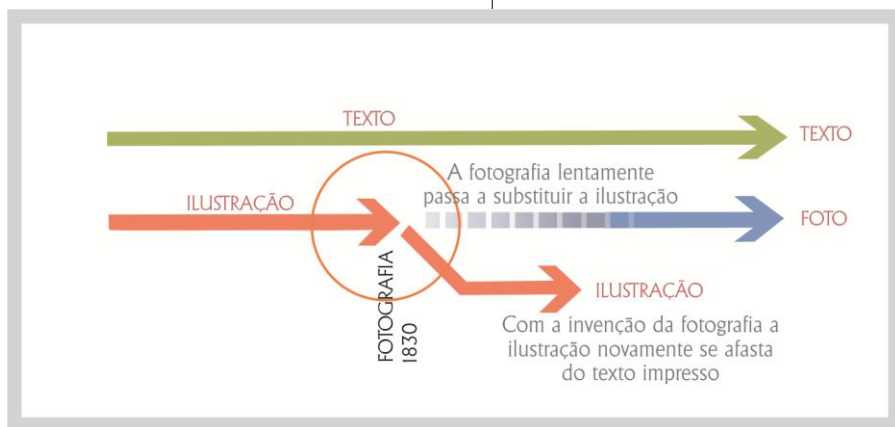
1º momento crítico

Com o advento da tipografia, em 1445, a difusão do pensamento passa a se dar mais aceleradamente com a palavra, provocando retenção na fluência das idéias pelo desenho. Por ser mais ágil, a técnica tipográfica passa a ser multiplicadora do discurso, popularizando sua linguagem.

Assim, com a técnica da tipografia, a palavra impressa adquiriu agilidade na comunicação do pensamento. Enquanto que a imagem desenhada, comparativamente, estagnou em seu processo de reprodução, pois a lenta e laboriosa confecção artesanal de matrizes para impressão, e a incompatibilidade técnica de reproduzir a imagem em conjunto com a técnica tipográfica, privou o desenho, conseqüentemente, na desenvoltura da propagação do pensamento.

O primeiro momento crítico pode ser situado a partir dos primórdios da comunicação humana quando a escrita e o desenho encontravam-se interligados nos pictogramas.

A partir da invenção do alfabeto, em 1200 aC, a escrita e o desenho se separam, tornando-se independentes como mecanismos artesanais de comunicação.



2º momento crítico

O segundo momento crítico que agravou mais ainda a retenção da imagem como meio de comunicação foi diante da invenção da fotografia, em 1830. Naquele momento a fotografia retirou da ilustração a veracidade da informação. A foto assumiu a condição de narradora visual dos fatos. A partir de então o desenho foi deslocado das páginas dos jornais para o campo das artes plásticas. Comportamento que reverbera até os dias atuais.

A valorização da palavra impressa perdurou por cerca de 4 séculos, ou seja, de 1445 com a invenção da tipografia, até os experimentos com a fotogravura, em 1882. Nesse período a imagem não conseguiu acompanhar esse processo, por não existir tecnologia capaz de substituir a matriz artesanal, confeccionada em madeira e metal, capaz de gerar compatibilidade de impressão conjunta com a impressão tipográfica das palavras.

Dentro desse período de quase 4 séculos esboçou-se uma reação com o surgimento da litografia em 1798. Porém, a técnica da litografia não foi suficiente para consolidar a presença da ilustração dentro do jornalismo nascente, pois logo em seguida, em 1830, foi novamente abalada com o advento da fotografia.

Durante esse longo período histórico os processos de impressão tipográficos evoluíram a ponto de difundir livros, folhas avulsas e jornais. Como uma das características do jornal é a sua atualidade, a tipografia concorreu para que as idéias fossem rapidamente transmitidas pela palavra impressa. O mesmo não ocorreu com a ilustração, que deixou de conviver regularmente nas páginas dos jornais durante esse período. O que só veio a ocorrer favoravelmente a partir de 1882 quando começaram os experimentos com matrizes de impressão gravadas por processos luminosos, e não mais por processos artesanais.

## O MÉTODO

Para aprofundar o tema da pesquisa estruturei de início os campos de conhecimento relacionados ao objeto pesquisado, estudando na bibliografia específica seus aspectos históricos, culturais e conceituais, assim, os campos pesquisados foram:

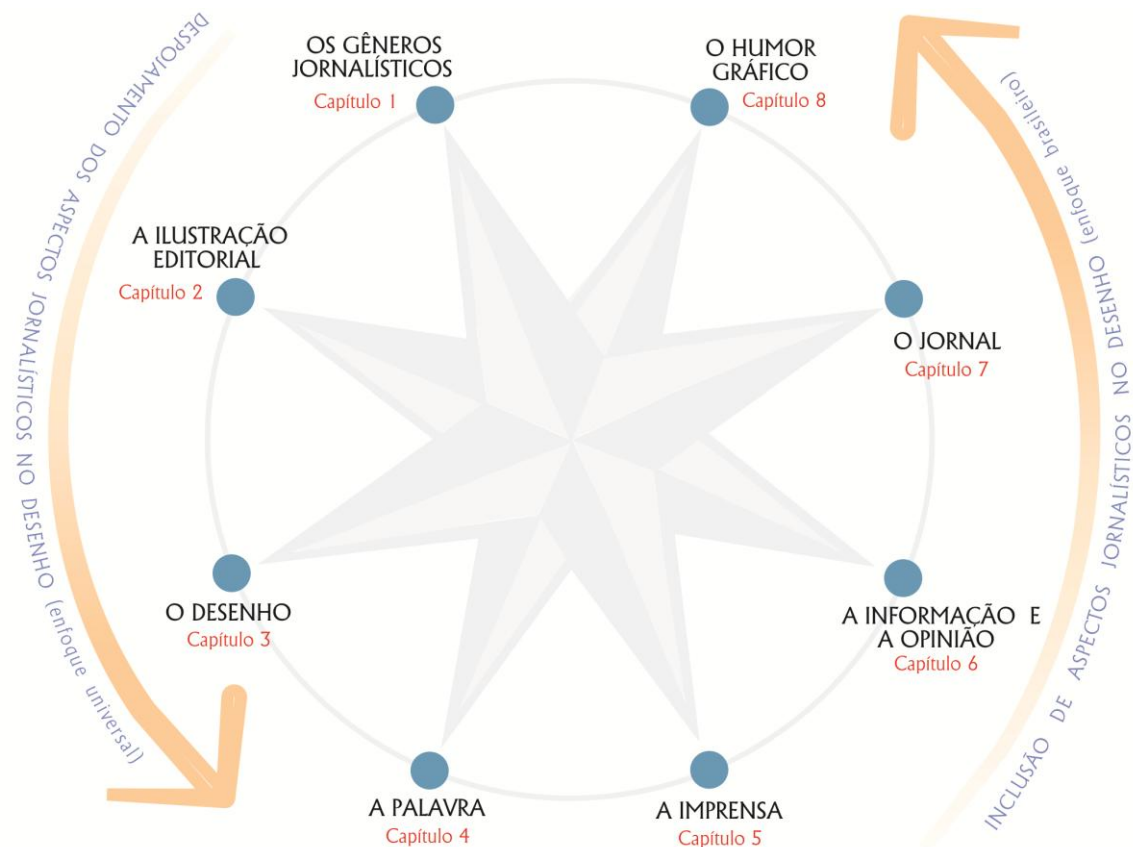
- Gêneros Jornalísticos
- Ilustração Editorial
- Desenho
- Palavra
- Imprensa
- Informação
- Jornal
- Humor Gráfico

Montei a seleção e o ordenamento expositivo de cada tópico através de uma articulação ampla, onde cada tema pudesse contribuir para afirmar os demais. Ou seja, por se encontrarem interligados e por haver uma interdependência teórica entre eles, foi possível montá-los como capítulos em um roteiro circular, como veremos a seguir.

Devo frisar também que em cada tópico os enfoques estarão interligados. Por exemplo, no Capítulo 4 (*A Palavra*), ao apresentar o subtítulo dos Manuscritos, foi necessário falar brevemente sobre advento da prensa, com Gutemberg. Esse tema aprofundar-se-á em seguida, no Capítulo 5 (*A Imprensa*)

É preciso ressaltar que foi necessário retomar uma cronologia histórica em cada capítulo para o perfeito aprofundamento analítico de cada campo temático.

O referido roteiro circular que norteou meus estudos apresenta-se da seguinte forma, com seus respectivos conteúdos:



- Cap. 1 - **Os Gêneros Jornalísticos** – *Enfoca a classificação das formas com que se constrói o discurso jornalístico*
- Cap. 2 - **A Ilustração Editorial** – *Aborda as características do desenho vinculadas ao texto*
- Cap. 3 - **O Desenho** – *Analisa o instrumento da linguagem icônica*
- Cap. 4 - **A Palavra** – *Analisa o instrumento da linguagem escrita*
- Cap. 5 - **A Imprensa** – *Trata dos mecanismos de reprodução do desenho e da palavra*
- Cap. 6 - **A Informação** – *Enfoca o conteúdo do discurso impresso*
- Cap. 7 - **O Jornal** – *Aborda o veículo de difusão do discurso impresso*
- Cap. 8 - **O Humor Gráfico** – *Trata de apresentar as formas do discurso desenhado*

Por focarmos nossa defesa na inserção do *humor gráfico* como gênero, tomamos o tópico *Gêneros Jornalísticos* como início de nossa exposição elegendo-o como Capítulo 1. Seguindo a seqüência enumerada, procurei nos 4 capítulos iniciais despojá-los dos aspectos jornalísticos e revesti-los de características universais, enquanto que para os 4 últimos capítulos procurei inserir aspectos relacionados ao jornalismo brasileiro.

Por fim, após a exposição argumentativa no corpo do trabalho e da pesquisa histórica, apresentarei um Estudo de Caso onde o *humor gráfico* é apresentado em um periódico referencial brasileiro. Selecionei desenhos que ali foram publicados e que pudessem confirmar minha explanação.

Para fundamentar conceitualmente minha pesquisa pautar-me-ei nos estudos de dois teóricos. O primeiro é o Prof. Dr. Manuel Carlos da C. Chaparro, com suas análises conceituais e históricas a respeito dos gêneros jornalísticos. A segunda é a Profa. Fayga Ostrower com suas reflexões sobre os processos de criação. O fio condutor para minha argumentação se dará ao sustentar que a imagem é detentora de linguagem própria, e que cada ser humano possui mecanismos inatos para assimilar o discurso não-verbal das imagens.

## A FORMATAÇÃO

Além das argumentações teóricas lançadas, parte significativa desta explanação irá ancorar-se na apresentação de imagens, pois parte dos conceitos emitidos será sustentada com as próprias imagens, por considerá-las possuidoras de discurso próprio utilizo-as com o nítido propósito de se tomarem elementos comprobatórios da veracidade das argumentações emitidas.

Considero também que as divisões dos capítulos, com seus respectivos subtítulos conduzem e esclarecem as propostas lançadas. Ali, encontram-se argumentações que orientam na certeza de alcançar a substância necessária que uma pesquisa científica exige.

Necessário se faz mencionar que a formatação desse volume foi aprimorada conjuntamente com o texto, levando em conta questões editoriais, como: encadernação, tratamento de imagens, diagramação, paginação, etc. por considerá-los também objeto de análise e de aplicação prática do que se pretende argumentar.

Mesmo se diferenciando das habituais apresentações de teses, neste trabalho implementei adequações às normas técnicas vigentes, como: identificações autorais, crédito de imagens, referências editoriais, etc. Pautei-me na normatização

vigente para apresentação de trabalhos científicos, mantendo uma apresentação esteticamente elaborada e intelectualmente compreensível.

Defendendo ainda a formatação desta apresentação, esclareço que tenho plenamente configurado os objetivos a serem alcançados com a presente pesquisa. Quaisquer lacunas que por ventura aqui transpareçam e que sejam identificadas pelos membros desta banca de doutorado, estarei receptivo para as necessárias intervenções visando alcançar os objetivos pretendidos.

Espero também que este trabalho estimule outros interessados no tema a debaterem e a complementarem as idéias aqui lançadas.